

Jogo Confuso

A sucessão até agora foi um jogo fútil que não faz o sentido esperado, e os candidatos são jogadores que não mostram as cartas. Todos falam o tempo todo, ao mesmo tempo, sobre as mesmas coisas. Os eleitores não conseguem distinguir as diferenças que deveriam orientar a seleção. Os regimes democráticos, que fazem do voto um compromisso entre o eleitor e o eleito, orientam os cidadãos através de programas de governo com que se apresentam os candidatos. É uma fórmula de aceitação universal que só o Brasil insiste em desconhecer.

A campanha já esboçada com a indicação dos candidatos não movimentou a disputa da preferência. Os cidadãos estão assistindo a uma competição de pesquisas que se baseiam em informações sigilosas passadas pelos eleitores. A pouco mais de quatro meses do dia da eleição, a sucessão é um circuito fechado: os eleitores manifestam intenções de voto que as pesquisas registram em termos numéricos e voltam ao consumo da própria sociedade. Os candidatos, porém, continuam andando sem sair do mesmo lugar.

Fora das pesquisas houve o recente discurso do candidato do PSDB, Mário Covas, que se destacou pelo teor revisionista dos preconceitos anticapitalistas que amarram o pensamento econômico e político da esquerda brasileira. Proclamado como necessário, o "choque de capitalismo" que Mário Covas propõe tem também o efeito colateral de flexionar o nacionalismo emperrado que impede a expansão da economia brasileira. Repercutiu pelo conteúdo e por assinalar uma virada de 180 graus na posição política do candidato que ainda na Constituinte defendia posições que repudiou. Foi um salto de qualidade.

Outro candidato que se destacou da geléia geral foi Roberto Freire, que antes confirmou do que inovou em matéria doutrinária e conduta política. Pessoalmente, no entanto, se empenhou em marcar posição clara diante dos problemas nacionais e tem-se conduzido em termos pessoais superiores à troca de insultos com que alguns pretendentes se brindam na ilusão de que seja do agrado do eleitorado.

Em tudo o mais, no entanto, a campanha se sustenta com os índices das pesquisas e os palpites inteiramente subjetivos das camarilhas que acompanham os candidatos. Não se pode avaliar pelo mérito político o aparecimento de um candidato em anúncio comercial: trocar de sapato em público não exprime conceitos nem define rumos. Quem se apresenta para disputar pelo voto dos cidadãos o cargo de presidente da República na primeira eleição direta depois de 30 anos não pode comparecer de mãos vazias. Ou proceder como outro que faz da deficiência uma arma de ataque, dizendo que não vai oferecer programa de governo ao eleitorado porque, para isso, bas-

taria encomendá-lo a alguém capaz de relacionar necessidades.

Não é entretanto esse tipo de resposta nem um programa anódino e sim uma definição que permita ao eleitor, pela formulação do problema, deduzir as verdadeiras convicções que certos candidatos escondem ao conhecimento do público. Um programa de governo vale tanto quanto a vontade que o candidato seja capaz de demonstrar na campanha. Não basta também esbanjar aparente disposição sem uma base de compromisso construído através das linhas de tratamento. O candidato que na campanha estadual de 1982 anunciou que os recursos não seriam problema no seu governo, porque eles estavam na sua cabeça, está dando cabeçadas na realidade. Nada fez e se defende com atraso alegando falta de recursos. Não foi capaz de tirá-los da cabeça nem da cartola.

É penoso para os cidadãos, quando a primeira metade do ano transcorreu por conta das expectativas de candidaturas, entrar na segunda metade sem perceber quando os candidatos vão falar com responsabilidade do que podem fazer. É preliminar para qualquer cidadão saber o que pensam todos os candidatos a respeito da maneira como pretendem enfrentar a inflação. Ninguém pede um programa de combate à inflação, mas quer saber com clareza se a ideia é conviver com ela ou enxotá-la de uma vez por todas. Um candidato com galões históricos continua na idade retórica que permitia promessas de combater a inflação com o desenvolvimento. Este país não é uma nação de trouxas. O que acabou com o desenvolvimento foi a inflação desabrida e insaciável, alimentada pelas despesas públicas sem controle e muito superior à receita.

É com esse primor de sofisma que o candidato do PMDB se apresenta. É o mesmo que dizer que vai combater o analfabetismo com várias academias de letras ou que vai fertilizar um deserto provocando chuva sobre a areia. Tão desanimador quanto isso é assistir a cada rodada das pesquisas um candidato vazio elevar-se pelo princípio de que, sendo mais leve que o ar, nada o impede de subir.

O eleitor brasileiro não quer votar no escuro. Espera que os candidatos se destaquem com nitidez contra um fundo de problemas que vão do excesso de presença do Estado na economia e no dia-a-dia dos cidadãos até as omissões do mesmo Estado nas suas responsabilidades de assegurar a todos educação e saúde. Ou os candidatos entendem que deverão se definir especificamente em relação a cada uma das grandes dificuldades nacionais, a dívida interna e a dívida externa, ou não precisam esperar mais do que sinais de inconformismo e insatisfação. Para o contribuinte, chega de improvisação e tentativa.